

PAI NOSSO: UMA ORAÇÃO JUDAICO-CRISTÃ**Elton da Silva Santana**

Mestrando em Teologia Bíblica pela PUC/SP; Especialista em EAD pela UNIP, Especialista em Ensino de Filosofia pela UNESP; Especialista em Teologia, Cultura e História Judaica pelo CCDEJ; Bacharel em Teologia pela PUC/SP e licenciado em Filosofia pela UNIFAI

RESUMO

Neste trabalho, procuramos apresentar um breve estudo do Pai Nosso e suas origens na tradição veterotestamentária e judaica, entendendo a tradição judaica como aquela que se formou após a reconstrução do Templo, o Segundo Templo que, no período de Jesus, é conhecido por muitos como judaísmo formativo. Assim, procuramos examinar a tradição orante do judaísmo formativo, especialmente, a *amidá* e sua possível contribuição para o desenvolvimento do Pai Nosso, do qual, acreditamos que Jesus tenha se inspirado diretamente.

Palavras-chave Pai Nosso; Tefilah; Amidá; Shemone-esrê;

ABSTRACT

In this work, we seek to present a brief study of the Lord's Prayer and its origins in the Old Testament and Jewish tradition, understanding the Jewish tradition as the one that was formed after the reconstruction of the Temple, the Second Temple, which, in Jesus' period, is known to many as formative Judaism. Thus, we seek to examine the praying tradition of this formative Judaism, especially Amidah and its possible contribution to the development of the Our Father, from which we believe that Jesus was directly inspired.

Considerações Iniciais

O objetivo deste artigo é demonstrar as origens da oração do Pai Nosso no ambiente bíblico e judaico. Não queremos aqui fazer uma exegese bíblica, algo que pretendemos em outro momento, mas apenas discorrer sobre as fontes do Pai Nosso, também conhecida como Oração do Senhor ou Oração Dominical, conforme a tradição cristã, sobretudo a Católica.

Há duas versões da oração do Pai Nosso nos Evangelhos, de Mateus (Mt 6,9-13) e de Lucas (Lc 11,2-4). O primeiro apresenta uma versão mais longa, com sete petições e o segundo uma versão mais curta, com cinco petições. Sobretudo, na versão mateana, é possível ver a sua influência tanto na Bíblia hebraica como no seu ambiente próprio, o judaísmo formativo do Segundo Templo. Assim, mostramos, dentro de uma perspectiva da teologia bíblica, que aquilo que chamamos de oração cristã – o Pai Nosso, é, na verdade, uma oração essencialmente judaica.

Assim, apresentamos o que é a oração judaica e suas principais características. Em seguida, analisamos cada uma das sete petições contidas no Pai Nosso mateano, que consideramos a que melhor bebeu destas fontes (bíblica e judaica). Além disso, em muitos manuscritos, é apontada uma doxologia final, típica das orações bíblicas e judaicas, como veremos. Portanto, na medida em que vamos dialogando com o Senhor, por meio desta bela oração, vamos descobrindo o grande tesouro da tradição de Sião contida na *tefilah* ou *amidá*. Isso é extremamente rico, sobretudo, nestes tempos de extremismos, em que o diálogo parece, às vezes, tão difícil. Podemos perceber que todos os filhos de Abraão, sobretudo, judeus e cristãos, podem bem dialogar e orar juntos a partir da mesma fonte.

Num primeiro momento, apresentamos o significado e a importância da oração para o judaísmo. Assim, depois de compreendermos o sentido da *tefillah*, mergulhamos pela *Shemonê esre* ou *amidá* e beber da mesma fonte que, sem dúvida, Jesus bebeu e provavelmente tenha se inspirado, para nos dar esta pérola chamada Pai Nosso. Daí a necessidade de visitarmos, parte a parte, de sua composição e visitarmos cada uma delas.

Também destacamos que, pela oração, nos aproximamos desta riqueza compartilhada por nossos irmãos judeus, dos quais herdamos as Escrituras, para entendermos a oração do Pai Nosso, oração verdadeiramente judaica. Ela nos foi dada por Jesus, o nazareno, um judeu, o Messias que quer “que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste.”¹ (Jo 17,21). Por isso, a importância de compreendermos o Pai Nosso como uma oração não separada de suas raízes judaicas. E é só a partir daqui que podemos mergulhar nas profundezas que esta oração nos permite chegar.

1. A oração no judaísmo

A liturgia judaica atual está alicerçada sobre o tripé: *shema' Ysra'el* (a profissão de fé judaica), a *tefillah* (a oração) e a *miqrat Torah* (a leitura da Torah) (DI SANTE, 2004). Mas, pelo que nos propomos cumprir, neste artigo, vamos apenas nos debruçar um pouco sobre a *tefillah*. Antes, no entanto, precisamos compreender algo que está no coração do judeu orante e que resume toda a essência hebraica: a *Berakah*.

A *Berakah*² “normalmente é traduzida como bênção ou também admiração, louvor, agradecimento” (DI SANTE, 2004), representa o ser mesmo do judeu orante. Na Filosofia, dizemos que o seu nascimento ocorreu, a partir da admiração do grego pelo mundo e que, daí em diante, a pessoa incumbiu-se de ir em busca de seu significado. No mundo judaico, podemos dizer que tal admiração é exatamente a *Berakah*, com uma diferença processual: o judeu não vai em busca do significado do mundo, mas admira o significado que o mundo tem. Por isso, ele procura bendizê-lo. Bendizer o mundo é se colocar diante de Deus, o seu Criador. (HESCHEL, 2006, p.65)

¹ Utilizaremos a Bíblia TEB (2020) como referência.

² No grego, a tradição judaica da diáspora, traduziu como *eucaristia* que significa “ação de graças”.

O judeu orante agradece a Deus por tudo o que há na e diante da vida, sejam elas boas ou ruins. Para entendermos melhor o espírito da *Berakah*, na vida cotidiana, visualizemos as cenas do filme: *A vida é bela*. O modo como o protagonista reage frente as adversidades na sua vida como fome, desemprego e, principalmente, o nazismo que sofre com sua família, mostra-nos o verdadeiro espírito religioso do hebreu nas atribulações. Portanto, tudo é razão para bendizer, para abrir o coração ao Eterno, pois é somente com o coração aberto a Ele, que podemos professar a nossa fé, dialogar com Ele e seguir os Seus ensinamentos.

1.1. Tefillah

Literalmente, *tefillah* (*ha tefillah*), significa oração. No mundo judaico, é a série de bênçãos curtas, que são recitadas em três momentos do dia: manhã, meio-dia e à tarde. A liturgia diária costuma utilizá-la logo após a bênção final do *shemá*. A *tefillah* sugere uma ação reflexiva (LEONE, 2007) pois, quando rezamos estamos ao mesmo tempo avaliando-nos. Na Teologia rabínica, orar deve ser uma obrigação diária e utiliza-se o termo *mitzvá* para esse tipo de execução.

Heschel (2002) observa que a oração é a essência da vida espiritual e que tudo pode ser espiritualizado, mas que também não pode, isto é, há coisas que podem ser tratadas com espiritualidade. Vai depender de nosso sentimento, isto é, do que sentimos no momento. A oração “ideal” é aquela que nos eleva a um estado de absoluta tranquilidade, voltada totalmente a Deus. Num estado quase de transe, como por exemplo, o canto gregoriano, que nos proporciona a uma experiência inebriante.

Rezar é perceber a maravilha, é recuperar o sentido do mistério que dá vida a todos os seres, a margem divina em todos os feitos. A reza é nossa humilde resposta à inconcebível surpresa de viver. É tudo que podemos oferecer em troca do mistério pelo qual vivemos. (HESCHEL, 2002, p.90)

Além disso, é importante sabermos que orar é um ato de fé e de manifestação de espiritualidade. O sentido da oração é justamente uma busca incessante do supremo. E Heschel (2002, p.90) afirma que “o assunto da oração não é a oração; o assunto da oração é Deus. Ninguém pode orar, se não tiver fé na sua capacidade de se aproximar do Deus infinito, misericordioso, eterno”.

O centro da oração é ser uma oração pessoal, o que significa um ato de manter Deus conosco. Por isso, o dia é uma liturgia, ou como diz a regra de São Bento: *ora et labora*. O que

significa que a nossa conversa com Deus deve levar-nos a comunhão fraterna, pois o labor significa criar no (com o) mundo e não para si, num ato isolado.

A *tefillah* também é conhecida como '*amidah* ou amidá, que significa "estar de pé". Ela é conhecida assim por ser recitada de pé. A sua origem teria se dado por volta do século V a.C., formada por 18 bênçãos, derivando daí o nome de *Shmone-esré*, como também é conhecida. Atualmente, ela é composta por 19 bênçãos que teria sido acrescida na Babilônia, no século III d.C., pela divisão de uma das orações em duas partes. (DI SANTE, 2004, p.93).

A *Amidá* está organizada em três bênçãos iniciais de louvor, treze bênçãos centrais de pedidos e três bênçãos conclusivas de louvor. (SIDUR, 2008). Considerando o fato de que Jesus era um judeu praticante, assim como os seus apóstolos, é de convir que a oração do Pai Nosso pudesse seguir o que era tradicional na oração judaica.

2. A oração do Pai Nosso

Esta oração dominical, conhecida por *Oração do Senhor* ou *Pai Nosso*, acompanha a vida cristã desde os tempos primeiros, quando os apóstolos instruíram as comunidades a fazê-lo em todas as refeições. Em seu corpo, há toda a experiência histórica de como devemos nos dispor em relação ao Pai: não de modo mecânico, mas numa dinâmica querida por Ele mesmo.

Temos basicamente duas fontes desta maravilhosa oração: a primeira fonte é a do Evangelho de Mateus (6, 9-13): louvor; sete pedidos e; louvor; a segunda fonte é a do Evangelho de Lucas (11, 2-4): Louvor; cinco pedidos; e Louvor; poderíamos ainda citar uma terceira fonte, extra bíblica, nesse caso, que é a *Didaqué* ou *Instrução dos doze Apóstolos* (8,2): Louvor; sete pedidos e louvor, onde apresenta uma estrutura similar ao Pai Nosso mateano.

Adiante analisamos, em subcapítulos, cada uma das partes do Pai Nosso, sem preocupação exegética, para que fique mais claro e pedagógico aquilo que objetivamos: a Oração do Senhor é uma oração literalmente judaica. Primeiramente, porque veio de um judeu que seguia os preceitos judaicos, conforme, exaustivamente podemos observar nos quatro evangelhos; segundo, porque ela traz em seu conteúdo a bagagem bíblica e rabínica do primeiro século da nossa era, como veremos.

Como dissemos acima, há duas versões do Pai Nosso. Para efeitos de estudo, propomo-nos a discorrer sobre a versão mateana do Pai Nosso, pois julgamos que ele guarda

a oração mais próxima ao contexto judaico. Além do mais, concordamos com Jeremias (2006, p.312), quando lembra que o Evangelho de Mateus é voltado para os judeus. Já o Evangelho de Lucas é direcionado aos “gentios”; portanto, a oração segue inculturada. Da mesma forma, alguns dos manuscritos de Mateus podem ter seguido por comunidades gentílicas e sido inculturados, já que sabemos que o evangelho de Mateus, originalmente, possa ter sido escrito em aramaico e, possivelmente, ao passar por comunidades gentílicas, tenha sido traduzido para o grego, que é o que chegou para nós.

Para analisarmos melhor a Oração do Senhor, seguiremos a tradução livre, feita por nós, conforme segue e, em seguida apresentamos o Pai Nosso, parte a parte e sua aproximação com a tradição bíblica e judaica.

Tradução livre do Pai Nosso (cf. NESTLE-ALAND, 2012)
Pai Nosso que estai no céu, santificado seja ³ o teu Nome; venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim no céu como na terra. O pão de amanhã, dai-nos hoje, perdoa as nossas dívidas, assim como também nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos conduzas à tentação, mas livra-nos do mal. Porque Teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém! ⁴

2.1 Pai Nosso

Ao chamarmos Deus de “Pai Nosso” estamos, de fato, abrindo os nossos corações para aceitarmos os outros como nossos irmãos. Ele que nos quer vivendo em família, chama-nos para vivermos a fraternidade universal, advinda do Seu amor incondicional de Trindade Santa (CROSBY, 2004, p.56). Isso é muito bom, pois Deus não é algo ou alguém que se possa dominar, que se queira só para si. Deus é Deus de todo mundo, apesar de ter escolhido os seus (Israel), porém, não para serem privilegiados sob outros povos, mas pela Aliança firmada

³ Grifo nosso. As palavras foram grifadas para evidenciar as sete petições contidas na oração.

⁴ Esta doxologia final não está presente em todos os manuscritos (cf. NESTLE-ALAND, 2012).

com os patriarcas e com Moisés. Para nós cristãos, pela fé em Jesus, entramos também nessa filiação divina e irmandade com Cristo. (BARTH, 2006, p.32)

No Talmude da Babilônia (TB *shabat* 89 b) é possível perceber a paternidade divina, vinculada aos patriarcas e a expressão empregada por Jesus “Pai Nosso”, em que pode ter se inspirado, uma vez que tal expressão é encontrada com frequência em escritos no judaísmo formativo.

Rabi Shmuel ben Nahmani relata em nome de Rabi Yonatan: “Que sentido (dar) ao versículo: “Tu és nosso Pai, pois Abraão não nos conhece, Israel ignora quem somos. Tu, Eterno, és Nosso Pai, Nosso Salvador (Is 63,15)?”. No futuro, o Santo, bendito seja Ele, dirá a Abraão: “Teus filhos erraram!”. Abraão responderá: “Senhor do mundo, que eles sejam punidos para a santificação do Teu Nome”. (HADDAD, 2017, p.58)

2.2 Que estai nos céus

A expressão “que estai nos céus”, empregada como morada divina, aparece na Bíblia no singular e no plural. No entanto, o aramaico emprega o singular *shemaïa* = céu e o hebraico emprega o plural *shamaïm* = céus. É possível encontrar a expressão “meu Pai que está nos Céus” mais de trinta vezes entre o Talmud e o Midrash. (HADDAD, 2017, p.68). Na Bíblia, indicando o céu como morada divina, é possível encontrar em várias passagens, como no salmo (14,2): “Dos céus, o SENHOR se inclinou para os homens, para ver se há alguém perspicaz que busque a Deus”; e também “Ele inclinou-se do alto do seu santuário; o SENHOR, lá dos céus, olhou para a terra”. (Sl 102,20)

Na sabedoria judaica, há uma discussão sobre se Deus está no mundo ou se o mundo é que está em Deus. Se o mundo é o lugar de Deus, Deus não poderia ser infinito, mas finito, o que o levaria a não ser Deus de fato, mas o mundo. Agora, se o lugar do mundo é Deus, então Deus é o Lugar. Por isso, é que os israelitas sempre designam Deus nos céus, na Sua morada; ou até mesmo os céus são referidos como sendo o próprio Deus. Céus e Deus são a mesma coisa, de certa forma. Assim, alguns rabinos dizem que Deus é o Lugar.

Na verdade, esta ideia encontra a sua origem no *Shabat* de Deus. Com efeito, após ter organizado o mundo segundo a Sua vontade, Deus abençoou o Homem (masculino e feminino) assim: “Frutificai, multiplicai, enchei a terra e dominai-a” (Gn 1,28). Este *Shabat* divino manifesta certo retraimento (*tsimsum*) de Sua infinitude a fim de que o universo em geral e o homem em particular existam. De onde a ideia de que Deus encontra-se nos céus, ainda que seja Ele o Lugar (*Makom*) do mundo. (HADDAD, 2017, p.68)

2.3 Santificado seja o Teu Nome

Na terceira bênção da *amidá* (Benção da Santificação de Deus) se diz: "Tu és Santo, o Teu Nome é santo e os santos te glorificam todos os dias. Pois, Tu és Deus, Rei Grande e Santo. Bendito. Bendito sejas Tu, Eterno, Deus Santo." (SIDUR, 2008, p.67). Na tradição judaica, não se pronuncia nunca o nome Divino. Ao se referir a Deus, a tradição preferiu utilizar alcunhas como Infinito, Eterno, o Todo Poderoso, Pai, Onipotente, Onipresente, o Lugar etc. A tradição cristã, seguindo a tradição do judaísmo da diáspora, procurou utilizar o termo *Kyrios* (Senhor), que também foi latinizado.

Desde o momento em que Israel recebe a revelação do nome divino (Gn 32,30), deve santificá-Lo e louvá-Lo e nunca deverá macular o Nome. "Não pronunciarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, pois o SENHOR não deixa impune quem pronuncia o seu nome em vão". (Ex 20,7). Ao santificarmos o Nome, podemos conhecer a Sua grandeza, manifestada por Ele mesmo. "Mostrarei minha grandeza e minha santidade, dar-me-ei a conhecer aos olhos de numerosas nações. Então conhecerão que eu sou o SENHOR." (Ez 38,23)

Para os cristãos, conhece-se a Deus por Seu Filho, afinal: "Aquele que me viu, viu o Pai" (Jo 14,9b). Quando o anjo Gabriel visita a família de Nazaré e dá-lhe a Boa-nova, logo diz qual deve ser o Seu Nome: *Emanuel*, que significa: Deus conosco. Portanto, em Moisés vem a esperança da Salvação; e, em Jesus está a própria Salvação; Ele é o Deus conosco. Mesmo na condição divina, Jesus revela o Pai e não se engrandece: "'Pai, glorifica o teu nome.' Então uma voz veio do céu: 'Eu o glorifiquei e o glorificarei ainda'." (Jo 12,28) E ainda, "Eu manifestei o teu nome aos homens que, do mundo, me deste. Eles eram teus, a mim os deste, e eles observaram a tua palavra." (Jo 17,6) E, por fim "Eu lhes dei a conhecer o teu nome e darei a conhecer ainda mais, a fim de que o amor com que amaste esteja neles, e eu neles." (Jo 17,26) Jesus revela o Pai que Lhe enviou, cumpre a Sua missão de ensinar os seus a santificar o Nome, e volta a Casa do Pai.

2.4 Venha o Teu Reino

No *qaddish*, encontramos a seguinte prece: "Que ele possa estabelecer seu reino durante vossa vida e durante vossos dias e durante o tempo da casa de Israel." (DI SANTE, 2004, p.33). Ou seja, o Reino divino não é algo simplesmente espiritual é de um outro plano

de vida (“meta-história”), mas algo que se espera concretamente nesta vida e que tem continuidade no vindouro, como bem expressou BOFF (1982, p.75):

Como virá o Reino de Deus? Para a fé cristã há um critério infalível, indicador da chegada do Reino: quando os pobres são evangelizados, vale dizer, quando a justiça começa a chegar aos empobrecidos, aos esbulhados e oprimidos. Sempre quando se recriam laços de fraternidade, de concórdia, de participação, de respeito à dignidade inviolável do homem, aí começa a brotar o Reino de Deus. Sempre que na sociedade se impuserem estruturas sociais que impeçam o homem de explorar o outro homem, que superem relações de senhor e de escravo, que propiciem mais simetria, aí começa a irromper a aurora do Reino de Deus.

2.5 Seja feita a Tua Vontade

Qualquer ação que façamos deve estar voltada a Deus. Deixar que a vontade de Deus predomine em nossa vida é quebrar as barreiras do nosso *eu*. Quando passamos da barreira do *eu* para Deus, ficamos mais próximos Dele e, conseqüentemente, do caminho dos Seus desígnios e d’Aquele que o Pai enviou. “Ora, a vontade d’Aquele que me enviou é que eu não perca nenhum dos que ele me deu, mas que eu os ressuscite nos últimos dias.” (Jo 6,39).

Assim, podemos encontrar no *qaddish*

Exaltado e santificado seja seu grande nome no mundo, que ele por sua vontade criou. Faça prevalecer seu reino em vossas vidas e nos dias vossos e na vida de toda a casa de Israel, prontamente e em breve. E a isto declara: Amém. (JEREMIAS, 2006, p.65)

A vontade de Deus é que façamos o bem ao próximo, especialmente, com aqueles que mais precisam: o órfão, a viúva, a prostituta, o sem-terra, o desempregado etc. Somente fazendo a vontade do Pai, alcançaremos a vida eterna. Afinal, Ele separará os bons dos maus, aqueles que fazem a Sua vontade dos que não fazem. A justiça é grau de medida de nossas ações. Quem faz a vontade de Deus, significa que tem o coração puro, que alcançou o Transcendente e, assim, é profeta da paz, da justiça. (BOFF, 1982, p.83)

Há, também, uma bela oração judaica, quando na proximidade da morte, que diz como devemos nos abandonar à vontade divina: “Que a tua vontade seja a de curar-me, mas se minha morte está decretada por ti, eu a aceitarei, com amor, de tuas mãos”. (DI SANTE, 2004, p.33). Parece que ela foi inspirada da fala de Judas: “porque é melhor para nós morrer

em combate do que presenciar as desgraças de nossa nação e de nosso lugar santo. A vontade celeste será cumprida.” (1Mc 3,59-60)

2.6 Assim no céu como na terra

Quando abrimos o primeiro livro da Bíblia, o Gênesis ou *Bereshit*, deparamo-nos com as primeiras palavras da narrativa da criação que diz: “Início da criação do céu e da terra por Deus.” (Gn 1,1). O céu representa a realidade espiritual e a terra o material. E uma vez que no céu a vontade de Deus já está posta, como podemos perceber na fala de Bildad a Jó: “a ele que nas alturas estabelece a paz.” (Jó 25,2b) (HADDAD, 2017, p.84). A graça vem do alto para atingir depois a nós (a terra): “Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que cria céu e terra!” (Gn 14,19b)

Dessa forma, estamos mantendo uma relação com o transcendente. Não que o céu seja um lugar específico, a morada divina igual ao monte Olimpo grego. O céu é o lugar teológico, por excelência, da presença divina e é aquilo que devemos almejar e ajudar a construir nesse plano de vida.

2.7 O pão de amanhã, dai-nos hoje

É comum, nas traduções, encontrarmos o enunciado “O pão nosso de cada dia dai-nos hoje”. Todavia, como afirma Jeremias (2006, p.317), a tradução mais correta seria “O pão de amanhã, dai-nos hoje”, uma vez que, seguindo uma tradição judaica da época de Jesus, amanhã, muitas vezes, sugere o Grande dia, o Cumprimento Final. Trata-se de um termo escatológico em que se espera a vinda do Reino imediatamente. É claro que não podemos deixar de considerar o fato de, assim como Jesus que era do campo, muitos judeus pedirem a Deus que houvesse sempre uma boa colheita: preces típicas de quem nunca sabe como vai ser o dia de amanhã, já que no campo tudo é inesperado.

Assim, encontramos na nona petição das dezenove bênçãos:

“Abençoa, Eterno, nosso Deus, este ano e todos os produtos da colheita. Faz cair orvalho e chuva (no inverno) de bênção sobre a terra e traz fartura pela Tua Bondade. Abençoa o nosso ano como todos os outros anos abençoados, pois Tu é Deus da bondade e benfazejo, que abençoa os anos. Bendito sejas Tu, Eterno, que abençoa os anos.” (SIDUR, 2008, p.69)

2.8 Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores

Na quinta bênção da *amidá* se diz:

Reconduze-nos à Tua lei, ó nosso Pai, retoma-nos ao teu serviço, ó nosso Rei, e faça com que regressemos com sincero arrependimento para Ti. Bendito sejas Tu, Eterno, que Te comprazes com o arrependimento. (SIDUR, 2008, p.68)

E na sexta benção:

Perdoa-nos, ó nosso Pai, pois pecamos; perdoa-nos, ó nosso Pai, pois transgredimos; porque Tu é um Deus bom e clemente. Bendito sejas Tu, Eterno, ó Misericordioso, que perdoas abundantemente. (SIDUR, 2008, p.68)

“Perdoai as nossas ofensas, assim como (também) perdoamos a quem nos tem ofendido”, há aqui ao menos duas confusões, com relação às traduções em português. A primeira é que, em Mateus, se traduziria “perdoai as nossas dívidas” – tradução literal do aramaico e, em Lucas, “perdoai os nossos pecados” – terminologia grega. E, tanto pecado como dívida nos remetem ao termo aramaico *hōbô*, que se refere a uma dívida financeira. No entanto, as traduções para o português costumam ampliar o seu sentido para um modo geral, como ofensas. (JEREMIAS, 2006, p.68)

A outra confusão é que, seguindo esta tradução tradicional, acabamos por inverter os papéis, ou seja, pedimos a Deus que nos perdoe, do mesmo modo como perdoamos os outros que tenham feito algum mal a nós. Para uma possível aproximação do aramaico, Jeremias (2006, p.72) nos propõe: “assim como também nós, ao dizer estas palavras, perdoamos aos nossos devedores.” Porque devemos primeiramente expressar o nosso sincero arrependimento, conforme tanto a teologia do evangelho de Mateus como o que está prescrito na quinta benção da *amidá* acima.

2.9 E não nos conduzas à tentação

Na expressão “e não nos conduzas (deixes cair em) à tentação”, identificamos a sugestão de que Deus é quem nos conduz à tentação. Contra esse pensamento, talvez, é o que Tiago (1,13-14) escreve: “Que ninguém, quando for tentado, diga: ‘Minha tentação vem de Deus’. Pois Deus não pode ser tentado a fazer o mal e a ninguém tenta. Cada qual é tentado por sua própria concupiscência, que o arrasta e seduz”.

Nesse sentido, Jeremias (2006, p.74) afirma:

O que efetivamente se pede aqui é sermos protegidos durante a tentação e não o sermos preservados dela, confirma isto certo logion extra canônico. Segundo uma tradição antiga, Jesus tinha dito na última noite, antes da oração do Getsêmani: “Ninguém pode alcançar o reino dos céus sem ter passado antes pela tentação”.

Dessa maneira, podemos utilizar tal expressão, desde que compreendamos que a tentação é algo a que todos estamos à disposição e devemos dedicar convicção de que Deus caminha conosco para o bem.

Há um Midrash do salmo 26 (Midrash *Tehelim*) que diz o seguinte:

Examina-me e me prove: Prova-me como Abraão que superou a prova; como Isaac que foi posto sobre o altar e saiu-se bem; como José provado pela mulher de Putifar e que saiu mais forte. Apenas Davi ter sido provado, declarou: 'Eu não tenho força, de graça alivia-me'. Assim um homem não deve comparar-se a um maior do que ele dizendo: 'meu coração é garantia de que eu não cairei'. E se Davi com todas as suas virtudes [...] não teve êxito, com maior razão o comum dos homens. (HADDAD, 2017, p.106)

Na sétima benção da *amidá* encontramos:

Vê, rogamos, a nossa aflição e toma a nossa defesa; redime-nos depressa com uma perfeita redenção, por amor ao Teu Nome, porque Tu és um Deus libertador e poderoso. Bendito sejas Tu, Eterno, Redentor de Israel. (SIDUR, 2008, p.68)

2.10 Mas livrai-nos do Mal

Pedir a Deus que nos livre do mal é dizer que não queremos viver segundo a maldade, que paira no mundo, mas que queremos viver o Seu Amor. Ninguém deseja viver para o mal, porém, existe muitas pessoas que nunca aprenderam a viver o bem. Há uma oração judaica vespertina (TB berakôt 60b) que nos dá inteiramente o sentido que devemos seguir: "Não conduzas meu pé ao poder do pecado e não me leves ao poder da culpa, e não ao poder da tentação, e não ao poder da infâmia" (JEREMIAS, 2006, p.74)

Se a Bíblia aponta a origem do mal e do pecado original, ela o faz não para saber como o mal entrou, mas para saber como o mal poderia sair. Nesse sentido, ao menos na narração do paraíso, a raiz do mal ou o pecado original não é só, nem em primeiro lugar, um fato determinado, ocorrido no início da humanidade, mas é, também, uma realidade atual e universal que atua no hoje de cada geração, como uma força perigosa e ameaçadora da qual cada geração é responsável, incluindo a primeira.

"Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre; o SENHOR o livrará no dia do mal. O Senhor o livrará, e o conservará em vida; será abençoado na terra, e tu não o entregarás à vontade de seus inimigos. O Senhor o sustentará no leito da enfermidade; tu o restaurarás da sua cama de doença." (SI 41,1-3)

Já para o autor do Gênesis (Gn 2,25 – 3), a narrativa do paraíso procura estabelecer uma ligação entre a transgressão da lei e a percepção da nudez. Da percepção da nudez, todos têm consciência, pois é um fenômeno humano universal, da transgressão da Lei de Deus, por sua vez, nem todos têm consciência. A maioria das pessoas parecem estar dormindo e devem ser acordadas. O autor quer acordá-los, aludindo à nudez. Isso significa que as referências à nudez são um meio para confrontar o leitor com o mistério do mal que nele reside e que ele desconhece.

2.11 Porque Teu é o Reino, o poder e a glória para sempre.

Muitos estudiosos observam que o enunciado “porque Teu é o Reino, o poder e a glória para sempre”, representa um acréscimo da liturgia primitiva cristã. No entanto, acreditamos que ela faz parte do primeiro manuscrito do evangelho de Mateus. Não nos cabe aqui entrar em detalhes, mas sabemos que tal evangelho nasceu em uma comunidade essencialmente judaica que professava a fé em Cristo. (JEREMIAS, 2006, p.76). Compreendemos que, por se tratar de uma comunidade judaica, é de se imaginar que siga a tradição judaica e considere o fato de que Jesus era um judeu praticante, assim como os seus apóstolos; por isso, é de convir que tal oração siga o que era comum da oração judaica (louvor – pedidos – louvor). Conforme a décima oitava benção da *amidá*, que antes de passar por um acréscimo, terminava

Nós reconhecemos humildemente que Tu és o Eterno, nosso Deus, e o Deus de nossos pais, agora e sempre. Tu és o Rochedo da nossa vida, o Escudo da nossa salvação de geração em geração. Nós Te agradecemos e entoamos os Teus louvores, pela nossa vida que está em Tuas mãos e nossa alma que Tu preservas, pelos milagres que fazes diariamente em nosso favor, as maravilhas de que nos cerca e as bondades que nos testemunhas a toda hora, de manhã, ao meio dia e à noite. Deus de bondade, a Tua misericórdia é infinita, as Tuas graças não se esgotam nunca, a nossa esperança será eternamente em Ti. (SIDUR, 2008, p.73)

Reconhecer que a Deus pertence “o Reino, o Poder e a Glória...” é afirmar a Sua superioridade. O povo de Israel sabe disso e sempre procurou reconhecer Aquele que o libertou do Egito. Toda oração judaica finaliza com um louvor a Deus pois, em qualquer situação da vida, seja ela triste ou alegre, é Deus quem nos observa. Se passamos uma dificuldade ou turbulência, o que é comum, não significa que Deus nos deixou, e sim, devemos procurá-lo em Sua onipresença e pedir por socorro. E, do mesmo modo, agradecer por tudo o que nos faz.

Assim, não temos dúvidas de que tanto a *Amidá* como o Pai Nosso tenham se inspirado em 1Cr 29,11, que diz: “A ti, SENHOR, a grandeza, a força, o esplendor, a majestade e a glória, pois tudo, no céu e na terra, te pertence. A ti, SENHOR, a realeza e a soberania sobre todos os seres.”

2.12 Amém

A palavra amém vem da raiz hebraica *āmēn*, que significa originalmente uma coluna, escora que serve de sustento a algo, o que justifica traduzirmos por firmeza, de fato, assim seja ou certamente. Essa palavra se tornou comum para designar a veracidade de algo, usado geralmente no sentido legislativo, porém, tornou-se mais comum no término de orações a Deus, confirmando Seus atributos, promessas etc. No Novo Testamento é utilizado, muitas vezes, como aclamação litúrgica, para corroborar com uma súplica ou louvor ou ainda para finalizar cartas. (BAUER, 2000, p.10)

Podemos encontrar no profeta Jeremias (11,5): “‘e poderei então cumprir o compromisso solene, que assumi com vossos pais, de lhes dar uma terra que mana leite e mel.’ Como hoje se vê. E eu respondi: ‘Sim (Amém), SENHOR’.” O salmo (106,48) finaliza: “Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel, desde sempre e para sempre. E todo o povo dirá: ‘Amém! Aleluia!’.”

Considerações finais

Antes que as palavras cheguem aos lábios, a mente deve acreditar na boa vontade de Deus em querer se aproximar de nós e em nossa capacidade de preparar o caminho para Ele. Esta é a ideia que nos leva à oração. Orar é reconhecerno-nos, é colocar em sintonia nossa percepção, volição, memória, pensamento, esperança, sentimento, sonhos, tudo o que se move em nós. A essência da oração não está nas palavras que pronunciamos, no culto dos lábios, mas na maneira em que a devoção do coração corresponde ao que as palavras encerram, na consciência de estarmos falando sob os seus olhos. A oração é a forma mais fácil de encontrarmo-nos com Deus, pois ela nos permite ir ao encontro do Absoluto. Ainda, implica o diálogo por excelência, pois é pela oração que expressamos a nossa vontade de buscar, no âmago de nosso ser, as respostas mais íntimas e complexas da nossa existência e do mundo.

Pela oração, entregamo-nos ao amor de Deus, em prol da caridade com o outro. A oração conduz-nos pelas veredas do dom da vida. Sem oração não percebemos a criação em sua inteireza, pois ela é a luz que ilumina a nossa compreensão. Ela também é um “êxtase espiritual”, como se todos os nossos pensamentos vitais, num ardor veemente, irrompessem numa torrente impetuosa na direção de Deus. Uma força irrompe da solidão da nossa alma e arrebatada as nossas aspirações para o máximo, para o mais alto, para o sublime.

Por isso, o Pai Nosso, nascido nas entranhas do judaísmo formativo, ainda continua tão atual e fundamental para a nossa existência. O Pai Nosso é oração judaica, porque vem da tradição litúrgica judaica e das orações judaicas. Quando a tradição cristã aponta a oração que as primeiras comunidades experimentaram, a partir da sua história, como a partir da experiência que fizeram com o Messias que creram e dos Seus ensinamentos deixados. Quer nos mostrar que ela tem um conteúdo fundamental do qual podemos experimentar o Eterno e nos pôr em relação com o próximo, com nossos irmãos.

Pela oração do Pai Nosso, somos imersos no universo da fé judaico-cristã, que enxerga a oração como movimento duplo: fé e vida. Dessa maneira, o contato com o Absoluto deve nos levar ao contato com o outro, para que sejamos todos um com o Um, conforme expressou o rabino Haddad (2017, p.17): “Esta oração possui sua originalidade, inscrevendo-se no coração da liturgia de Israel”. Ao rezá-lo, nós cristãos, estamos automática e espiritualmente entrando em diálogo com a tradição judaica; estamos, portanto, dialogando não somente com o totalmente Outro, mas com o outro: nossos irmãos judeus, que ricamente nos transmitiu o seu legado de fé e existência.

O diálogo pressupõe sempre o desejo de se conhecer reciprocamente e de aprofundar tal conhecimento. Ele constitui, de fato, um meio privilegiado para favorecer um melhor conhecimento mútuo e, particularmente no caso do diálogo entre judeus e cristão, para aprofundar mais as riquezas da própria tradição. É condição do diálogo, porém, o respeito da sua fé e das suas convicções religiosas. (CONGREGAÇÃO DAS RELIGIOSAS DE NOSSA SENHORA DE SION, 2008, p.15)

REFERÊNCIAS

BAUER, J. B. **Dicionário bíblico-teológico**. São Paulo: Loyola, 2000.

BARTH, Karl. **O Pai Nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos**. São Paulo: Fonte, 2006.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

BOFF, Leonardo. **O Pai Nosso: a oração da libertação integral.** 3ª. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **Espiritualidade: um caminho de transformação.** Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BUNIM, Irving M. **A ética do Sinai: ensinamentos dos sábios do Talmud.** 3ª ed. São Paulo: Sêfer, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **AS MÁSCARAS DE DEUS.** 3 v. São Paulo: Palas Athena, 2004.

COGREGAÇÃO DAS RELIGIOSAS DE NOSSA SENHORA DE SION / COMISSÃO DO ECUMENISMO E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO – CEDRA. **Diálogo da Igreja Católica com o Judaísmo – documentação básica.** São Paulo, 2008.

CROSBY, Michel H. **A oração que Jesus nos ensinou.** São Paulo: Paulus, 2004.

DI SANTE, Camine. **Liturgia judaica. Fontes, estrutura, orações e festas.** São Paulo: Paulus, 2004.

FRIEDMAN, Richard Elliot. **O desaparecimento de Deus: um mistério divino.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GIGLIO, Auro del. **Iniciação ao Estudo da Torá.** São Paulo: Séfer, 2003.

GORGULHO, F. Gilberto e ANDERSON, Ana Flora. **A origem e o mistério do mal.** São Paulo, 2006.

HADDAD, R. P. **Pai Nosso: uma leitura judaica da oração de Jesus.** São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

HEERDT, Mauri L. e COPPI, Paulo De. **Pai Nosso! Uma reflexão teológica e pastoral sobre Deus Pai.** 2ª ed., São Paulo: Mundo e Missão, 2003.

HESCHEL, A. J. **Deus em busca do homem.** São Paulo: Arx, 2006.

_____. **O último dos profetas.** São Paulo: Manole, 2002.

_____. **O homem à procura de Deus.** São Paulo: Paulinas, 1974.

JEREMIAS, Joachim. **Estudos do Novo Testamento.** São Paulo: Academia Cristã, 2006.

LEONE, Alexandre. A oração como Experiência mística em Abraham J. Heschel. In: **REVER – Revista de Estudos da Religião.** São Paulo: PUC, 2003: p. 42-53;

MOSETTO, Francesco. **Pai-nosso. Breve comentário bíblico-patristico.** São Paulo: Ave Maria, 2008.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece.** 28ª. Sociedade Bíblica do Brasil: São Paulo, 2012.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **O Povo Judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã.** São Paulo: Paulinas, 2001;

SCARDELAI, Donizete. **Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu.** São Paulo: Paulus, 2008.

SCHMIDT, Werner H. **A Fé do Antigo Testamento.** São Leopoldo: Sinodal, 2004;

SIDUR COMPLETO (Org. Jairo Fridlin). São Paulo: Sêfer, 2008.

SMITH, Mark S. **O memorial de Deus: História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel.** São Paulo: Paulus, 2006;